

Existe almoço grátis?

A máxima segundo a qual inexistente “almoço grátis” fornece uma síntese intuitiva e poderosa do que as faculdades de economia ensinam aos profissionais que formam. Como não é possível ficar com o almoço e com o dinheiro simultaneamente, o sujeito precisa escolher, os recursos são limitados e a fome é sempre muito grande. Vista neste ângulo, a economia é assunto muito simples.

Não obstante, os economistas são mesmo diferentes dos outros seres: quando enxergam notas de 100 dólares no chão, recusam-se a pegar sob a alegação de se fossem verdadeiras alguém já as teria levado. E geralmente não acreditam em curas milagrosas e discos voadores, e não costumam contar com muita popularidade em geral, e entre os políticos em particular, e especialmente entre vice-presidentes (Marco Maciel à parte).

Nesta momentosa controvérsia recente, entre o senhor Vice-Presidente e a turma da área econômica, o leitor pode ver-se instado a indagar o que é mais relevante para o progresso do Brasil: os economistas ou os vice-presidentes. Estes, na medida em que dispõem de moradia (no Palácio Jaburu), comida e roupa lavada por conta do contribuinte, podem desenvolver uma tendência a discordar dos economistas no quesito refeições gratuitas.

O fato é que aos economistas cabe a ingrata tarefa de informar aos políticos sobre o que eles não podem fazer, coisas como almoçar e não pagar a conta, entre outras piores. São incontáveis os economistas no governo que eram conhecidos como: “O Satânico Dr. No”.

No mérito, é preciso dizer que os economistas não fazem por mal, não mantêm os juros elevados por vilania ou sadismo; diversas pessoas de bom coração já passaram pelo BC e os juros estão altos há muitos anos. Existem razões práticas e condições objetivas que não nos deixam alternativa: baixar os juros não é um ato de vontade de um político audaz. Os que tentaram fracassaram e foram para casa tendo prejudicado as pessoas que gostariam de agradecer.

Alguns séculos de estudo desta ingrata disciplina nos ensinaram que existe uma relação positiva entre crescimento e inflação, que os juros altos reduzem o crescimento, mas também a inflação, e que a desvalorização cambial melhora o superávit comercial, mas simultaneamente reduz o poder de compra dos salários e provoca inflação.

O leitor que, como eu, gostaria de ver uma fórmula simples de câmbio e juros que produzisse crescimento sem inflação, com aumento de salário, melhoria na distribuição da renda, e mega superávits comerciais, tudo ao mesmo tempo, pode perfeitamente entender, diante das premissas

restritivas acima, as razões pelas quais os profissionais desses assuntos dizem que não é possível almoçar sem pagar.

Mais recentemente falharam as tentativas de glamorizar um suposto debate, no âmbito do qual haveria teorias e fórmulas “alternativas”, conhecidas dos economistas do PT, para romper esses dilemas, sendo que os governos “neoliberais” estariam “interditando o debate” e impondo um “pensamento único” e errado. Mais ou menos como o governo americano que, supostamente, esconde evidência de vida extraterrestre.

Hoje o PT é governo e onde estão as ideias alternativas? E os discos voadores escondidos? Tudo o que se vê é uma reafirmação bem-comportada de que não existe refeição gratuita e de que as escolhas são mesmo difíceis.

Interessante hoje é notar que o ataque às leis econômicas se despiu de qualquer disfarce ideológico: o Senhor Vice-Presidente não tem um programa macroeconômico alternativo, e o que contesta é o julgamento de profissionais que estudaram o assunto por muitos anos e estão na área econômica a exercer a profissão para a qual foram treinados a vida inteira nas melhores escolas. Em princípio, todos estão bem-intencionados e querem o Bem do Brasil, mas a experiência mostra que os debates públicos entre membros do governo sobre juros e câmbio costumam gerar decisões inconsistentes e crises desnecessárias.